

O contributo conceptual das gramáticas filosóficas para a história da língua portuguesa

Amadeu Torres
Universidade do Minho e
Universidade Católica Portuguesa

0. Chama-se assim ao conjunto vasto de gramáticas que, já vindas de séculos antes, a corrente racionalista do Renascimento, sob a influência posterior do cartesianismo e dos ideólogos iluministas, fez surgir em toda a Europa de seiscentos e setecentos.

O português conta com uma vintena delas, desde a primeira, publicada em 1783 e por mim relançada em fac-símile, com introdução e notas críticas, em 1998, através da Academia Portuguesa da História. A última desta série de textos ou tratados gramaticológicos foi o *Compendio de grammatica portugueza extrahido de suas obras* [das de Jerónimo Soares Barbosa e outros], impressa no Recife em 1876, quer dizer, quase cem anos após a Gramática Filosófica da Língua Portuguesa de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, a tal de 1783.

Há uns três lustros que me venho dedicando a estudá-las, inclusive umas seis que se encontram em manuscrito da Academia das Ciências e lá entraram em 1781 ou 1782 atraídas pelo prémio de um concurso, uma das quais, como consegui identificar já, é a própria de Melo Bacelar em redacção menos completa do que aquela que apareceu um ano depois.

Só a esta pretendo aludir aqui, para finalizar com breve alusão aos contributos conceptuais de que ficou devedora a história gramatical da nossa língua, em relação a esta corrente.

1. *The philosophy of grammar* é um grosso volume de cerca de 500 pp. que Otto Jespersen publicou em Londres no final do primeiro quartel deste século e cujo manuseamento, embora talvez por raros interessados, não perde em tempo e proveito. Um leitor apressado e saltitante concluirá ser este linguista

dinamarquês um antagonista radical das opiniões que militam pelo inculcado no título da sua obra, enquanto uma releitura atenta e sem lacunas descobrirá que afinal Jespersen admite interferências lógico-filosóficas nas gramáticas, sem prejuízo da sua formalização epistémica e até com benefício, porquanto «j' espere qu'il y a ici de quoi intéresser le logicien»¹.

De resto, nem esta epígrafe jesperseniana é original: Zoppi, por exemplo, dera já à estampa, em 1886, na cidade de Verona, *La filosofia della grammatica*. No entanto, a aproximação destes dois termos e conceitos teima e reteima, nos dias de hoje, em provocar engulhos a estruturalistas tocados de morfologite e funcionalite agudas, enamorados do puro descritivismo gramatical e cumulativamente votados à tipificação de cada idioma como individualidade leibniziana, singularíssima na sua intocabilidade. Ora a questão anda brilhantemente esclarecida desde 1957, através das quase trinta páginas de «Logicismo y antilogicismo en la gramática», da autoria de Eugenio Coseriu². Posições extremas neste particular não sei por que artes me trazem à lembrança aqueles filhos-família basófiás, todos envergonhados dos nomes dos seus avoengos, como se houvessem surgido do nada por truques mágicos. Por isso é que Port-Royal e os movimentos daí desencadeados³ me parecem, afinal, ecos ou apelos das raízes em face de uma gramaticografia desdenhosa de problemáticas gramatológicas e esquisóide por congestão psíquica de ufanismo libertário.

2. O «novo methodo dos Padres da Congregação de Port-Royal e da Grammatica discursada do Padre Lamy», que assim se expressa Contador de Argote⁴ um quarto de século anteriormente a Verney, após preferências da

¹ Cfr. Otto Jespersen, *La philosophie de la grammaire* [*The philosophy of grammar*, London, George Allen and Unwin, 1924], Paris, Les Éditions de Minuit, 1971, p. 12.

² Cfr. G. B. Zoppi, *La filosofia della grammatica - Studi e memorie di un maestro di scuola*, Torino, Unione Tipogr. Editrice, 1886 [saída em artigos na revista *La Sapienza*, desde 1884 a 1886]; Eugenio Coseriu, *Teoría del lenguaje y lingüística general*, Madrid, Gredos, 1982, pp. 235-260.

Por seu turno, Georges Mounin adverte que existe uma espécie de contencioso entre linguistas e filósofos: «por parte de los lingüistas, en la mayoría de los casos mucha desconfianza con respecto a la filosofía, y por parte de los filósofos, hasta una época muy reciente, mucho desinterés con respecto a los resultados de la lingüística posterior a 1930. Aun teniendo en cuenta las razones históricas que la originaron, esta situación es perniciosa por naturaleza» (vd. *Lingüística y filosofía*, Madrid, Gredos, 1979, p. 7).

³ Cfr. Ubrich Ricken, *Grammaire et philosophie au siècle des Lumières - Controverses sur l'ordre naturel et la clarté du français*, PUL - Publications de l'Univ. de Lille III, 1978; Marc Dominici, *La naissance de la grammaire moderne*, Bruxelles, Pierre Madarga Editeur, 1984.

⁴ Cfr. D. Jeronymo Contador de Argote, *Regras da língua portuguesa espelho da língua latina* [a 1.ª ed., de 1721, assina-a P. Caetano Maldonado da Gama], Lisboa Occidental, Oficina da Musica, 1725, pp. VIII-IX da «Introducçam».

iniciativa de alguns mestres da ensinança acaba por ser aconselhado oficialmente nas «Instruções para os Professores»⁵, que a oficina lisboeta de Miguel Rodrigues lança dos prelos em 1759, como primícias da reforma pedagógica pombalina. Aí se recomendam, entre outros, Vóssio, Schopp, Sánchez de las Brozas, Bernard Lamy, P. Chompré, António Pereira de Figueiredo, a gramática latina verneyana e, com insistência, Charles Rollin. Mas no espaço de cinquenta anos, desde 1721, data de *Regras da língua portuguesa espelho da língua latina*, de Argote, até inclusive à *Arte da grammatica da língua portuguesa* de António José dos Reis Lobato, de 1770, os compêndios, mesmo os respeitantes ao idioma vernáculo como estes, pouco avançam nos caminhos racionalizantes traçados nas «Petites Écoles» a que os ideólogos iluministas deram prolongamento em vários rumos.

É certo que ambos doseiam o normativismo básico dos textos com sucintas definições explicativas, aligeirando uma exposição que anteriormente sabia a amontoado, a supérfluo, a pruridos de erudição deslocada. Curiosa a tessitura de *Regras da língua portuguesa*, toda em diálogos breves e bem conduzidos, que apetece aproximar de *Principes généraux et raisonnés de la grammaire française*, de Pierre Restaut⁶, vindo a lume, em Paris, nove anos depois, em 1730, e também dialogada. A de Reis Lobato, conquanto obedeça a idêntica ordenação de matérias, atende bastante às exceções, supera-a em notas de rodapé e aponta-lhe diversos senões, além da omissão da prosódia. Não sei se hipercriticamente, observa que «sendo tantos os grammaticos, assim vulgares como latinos, ainda não houve hum que deixasse de ter defeitos». Contudo, «na Grammatica de D. Jeronymo Contador de Argote se não achão na verdade tantas imperfeições como se encontrão nos sobreditos grammaticos» que o precederam, merecendo até especial louvor porquanto «trata a syntaxe separadamente, o que de ordinário não fazem os grammaticos de línguas vivas»⁷.

⁵ Cfr. *Instruções para os professores de grammatica latina, grega, hebraica, e de rhetorica, ordenadas e mandadas publicar por El-Rei Nosso Senhor para uso das Escolas novamente fundadas nestes Reinos e seus Dominios*, Lisboa, Na Offic. de Miguel Rodrigues, impressor do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, MDCCLIX.

⁶ Cfr. Pierre Restaut, *Principes généraux et raisonnés de la grammaire française avec des observations sur l'orthographe, les accents, la ponctuation et la prononciation*, Paris, 1730.

Esta gramática atingiu 30 edições até finais do século XVIII, mais precisamente desde 1730 a 1797 (vd. A. Joly et J. Stefanini, *La grammaire générale - Des modistes aux idéologues*, PUL - Publications de l'Univ. de Lille III, 1977, p. 51).

⁷ Cfr. António José dos Reis Lobato, *Arte da grammatica da lingua portuguesa*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1771, pp. XXVII e XXIV.

Restaut e Claude Buffier são citados logo no segundo parágrafo introdutório; Sánchez, Vóssio e Lancelot, Escalígero, Gaspar Schopp e Jácome Perizônio, reeditor holandês da Minerva, de igual forma Reis Lobato mostra conhecê-los de perto. Mas o Brocense, também lembrado na prosa comendatícia do Conde da Ericeira à gramática de Argote de 1725, já se vê no *Methodo grammatical para todas as linguas* (1619) de Amaro de Roboredo. E D. Luís Caetano de Lima, na sua *Grammatica franceza* (1733) não esquece Régnier - Desmarais, Bellegarde, Buffier, Mr. de la Touche, Frain du Tremblay e a *Grammaire générale et raisonnée* de Arnauld e Lancelot. Verney não trouxe tantas novidades como às vezes se pretende inculcar.

Apesar de tudo, a primeira gramática cujas inovações metodológicas não entram a conta-gotas, sobretudo quanto ao esforço incomum de concisão e à reformulação expositiva, sai apenas em 1783, curiosamente por duas vezes e em tipografias diferenciadas, numa isoladamente, noutra a abrir um «Dicionário»⁸. Chama-se *Grammatica philosophica e ortografia racional da língua portueza*, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, franciscano observante da Província de Portugal, como aliás Frei Manuel do Cenáculo, cerca de doze anos mais velho. Tendo-me já ocupado deste autor noutra lugar⁹, mormente no respeitante a fontes que o terão inspirado, não vejo ser de menos interesse reacentuar pormenores de algumas e descer ao concreto dos poucos capítulos da obra, pondo aqui de remissa, obviamente, tudo quanto respeita ao seu dicionário, cujo título, indicado em nota, não envolve nada de pretensioso como à primeira vista parece, dado tratar-se do mais completo para a época no que concerne a entradas vocabulares, não ultrapassado neste aspecto nem pela 10.^a edição da *Prosodia* (1750) de Bento Pereira, nem pelo de Morais Silva (1789), nem sequer pelo da Academia das Ciências dentro do âmbito da letra A, e apenas criticável em certas etimologias rebuscadas.

⁸ Cfr. Bernardo de Lima e Mello Bacelar, *Grammatica philosophica e orthographia racional da lingua portueza*, Na officina de Simão Thaddêo Ferreira, Lisboa, MDCCLXXXIII; *Dicionario da Lingua Portueza, em que se acharão dobradas palavras do que traz Bluteau e todos os mais Dicionarios juntos: a sua própria significação: as raizes de todas ellas: a accentuação: e a selecção das mais usadas, e polidas: a Grammatica Philosophica, e a Orthographia Racional no principio, e as explicaçoens das abbreviaturas no fim desta obra. 1.,.] Composto por Bernardo de Lima e Melo Bacellar, prior no Alentejo etc.* Lisboa, Na Offic. de Jozé de Aquino Bulhoens, MDCCLXXXIII.

⁹ Cfr. *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 50 (1-3), 1994, [miscelânea em honra do Prof. José do Patrocínio Bacelar e Oliveira, Reitor Emérito da Universidade Católica Portuguesa], pp. 459-466. Vd. também *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, reprodução fac-similada da edição *princeps* de 1783, com introdução e notas críticas de Amadeu Torres, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1998.

A quem se habituou à quadripartição tradicional das gramáticas em ortografia, prosódia (ortoépia), etimologia (morfologia) e sintaxe, salvo se à secção inicial se reserva lugar à parte como fazem Reis Lobato e Melo Bacelar, choca-o inesperadamente a interpenetração prosódico-fonética e morfológica com a sintaxe nesta *Grammatica*, tripartida, sim, mas em função dos componentes da frase quanto ao papel fundamental que desempenham na sua constituição. É que «as partes essenciais da *Grammatica* são tres: a primeira he o som que representa o *Agente* ou Nominativo; a segunda he o som que mostra a *Acção* ou verbo; e a terceira he o som que faz as vezes de *Accionado*, paciente ou caso. [...] E porque estes três únicos sons compõem a *Oração* (ou são a proposição) que he a única cousa que o grammatico pretende fazer»¹⁰, é daqui que Bacelar avança para a estruturação do seu compêndio razoado.

Este último excerto aproxima-se do de Reis Lobato que, ao definir gramática como «a arte que ensina a fazer sem erros a oração portugueza», junta, em nota, ser a oração o fim das regras gramaticais¹¹. E ambos serão subsidiários da «Minerva», que diz o mesmo: «la oración o sintaxis es el fin de la gramática». Lobato ainda acrescenta que as partes da oração são as palavras, por seu turno compostas de sílabas e estas de letras e sons simples, mas entranha-se logo no tratamento sucessivo das partes do discurso, tal qual Sánchez de las Brozas após elucidação semelhante¹². Melo Bacelar, ao contrário, dando especial realce ao nome e ao verbo, secundariza as outras seis classes morfológicas, que no seu modo de ver não passam de adjuntos ou, à maneira dos lógicos, de sincategoremas.

3. Daí que o seu método se situe nos antípodas do de tantos gramáticos. No geral, principiam pelo alfabeto, pelas sílabas e palavras cujo elenco classificativo esgotam, para culminarem nas construções frásicas e respectiva sintaxe, quer simples, quer figurada; privilegiam uma caminhada do geral para o particular, do abstracto para o concreto, visando, no limite, sínteses conglutinadoras de prolongadas e nem sempre conexas análises, não raro demasiado áridas por ausência de sínteses intermédias reificantes da teoria. Nisto bem avisadas estavam, entre outras, as gramáticas renascentistas que disseminavam pequenas frases pelos recantos das declinações e conjugações. Análise e síntese não são processos de conhecimento antagónicos, mas complementares.

¹⁰ Cfr. B. de L. e Melo Bacellar, *Grammatica philosophica*, in *Diccionario da Lingua Portugueza*, cit. na nt. 8, p. 2.

¹¹ Cfr. A. J. dos Reis Lobato, *o. c.* na nt. 7, p. 1.

¹² Cfr. Francisco Sánchez de las Brozas, *Minerva seu de causis linguae latinae*, trad. de F. Riveras Cárdenas, Ed. Cátedra, 1976, p. 48.

De facto, o autor da *Grammatica Philosophica*, sem deixar de ter em mira uma síntese final englobante, o objectivo da generalidade dos tratadistas gramaticais, decidiu-se, à entrada, pela via oposta e mais natural que procede da síntese para a análise, do concreto experienciável para o abstracto da conceptualização, dos efeitos constatados para o discernimento das causas, enfim do complexo para o simples: «car les sujets complexes semblent nous être plus familiers, nous les saisissons plus facilement. Ainsi un enfant sait très bien former une phrase, et dire: *Socrate se promène*, mais en analyser les parties, le nom et le verbe, décomposer les mots en syllabes et descendre aux lettres qui sont les éléments de celles-ci, c'est une opération qui passe sa portée»¹³.

Considerando as línguas outros tantos processos analíticos, Condillac na sua *Grammaire* apela para os actos de conhecimento que aquelas explicitam, seja a prioridade da sensação confusa ou global sobre o acervo de sensações distintas aí integradas, que só um esforço subsequente de atenção particulariza e capta, seja a do juízo, que a proposição lógica e a oração gramatical externam como composição ou divisão no plano da correspondência com a realidade e da destriça dos elementos componentes. E põe este exemplo: «vous avez vu que pour découvrir le mécanisme d'une montre, il la faut décomposer, c'est-à-dire, en séparer les parties, les distribuer avec ordre, et les étudier chacune à part. Vous vous êtes aussi convaincu que cette analyse est l'unique moyen d'acquérir des connaissances, de quelques espèces qu'elles soient»¹⁴.

Um precursor, porém, de Condillac, por então nos 15 anos de idade, foi Du Marsais em *Les Véritables principes de la grammaire*, de 1729. Desde o reapreço do «usus» frente à «ratio» à recusa da abordagem da palavra sozinha e isolada, este notável articulista da *Encyclopédia* enfatiza um enfoque algo empírico-indutivista e associacionista, à Bacon e Locke, segundo o qual o sintagma prevalece sobre os paradigmas, a sintaxe sobre a etimologia-morfologia, em enquadramento funcional e sistémico: «je parle de la nature des mots et du rapport qu'ils ont entre eux dans les discours»¹⁵. Daí que a primeira parte

¹³ Cfr. James Harris, *Hermès ou recherches philosophiques sur la grammaire universelle*, trad. de F. Thurot, éd., introd. et notes par André Joly, Genève/Paris, Droz, 1972, pp. 9-10, nt. 2 (citação de Ammonius, *Comm. de praedic.*, p. 28).

¹⁴ Cfr. *Cours d'études pour l'instruction du Prince de Parme* [1.^a ed. de Paris, 1775], II - *Grammaire*, in *Œuvres Philosophiques de Condillac*, texte établi et présenté par Georges Le Roy, I, Paris, PUF, 1947, p. 437.

¹⁵ Cfr. César Chesneau du Marsais, *Les Véritables principes de la grammaire ou nouvelle grammaire raisonnée pour apprendre la langue latine*, Paris, 1729, p. 192.

desta sua obra se intitule «De la connaissance de la proposition et de la période», conquanto o faça menos desenvolvidamente do que Condillac no *Cours d'études* (1775), II, *Grammaire*. 1ère Partie.

É, com o esqueleto dessa *Grammaire* que *grosso modo* se parece a de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, reproduzida neste breve organigrama:

ANÁLISE

SÍNTESE

Partes da
Gramática Filosófica
como funções da Oração
ou Proposição

Gramática do
Agente
(ou Norminativo)
- o Nome
(pp. 4-17)

- Substantivo e adjectivo
- Formação: letra, som, sílaba, aspectos fonético-prosódicos
- Composição e derivação
- Género, número, caso (comparação com o grego e o latim)
- Adjuntos do Nome (partes do discurso)
- Concordância dos adjuntos com o Agente
- * Sinopse da I Parte

Gramática da Acção
- o Verbo
(pp. 17-33)

- Conjugações, categorias verbais, paradigmas e espécies (comparação com o grego e o latim)
- Adjuntos do Verbo e concordância daqueles com o Agente
- * Sinopse da II Parte

Gramática do
Accionado
- o Nome
(pp. 34-37)

- Espécies de Accionado
- Formação, acentos, adjuntos e concordância como no Nominativo, «porque ambos são nomes, este em recto, aquele em obliquo»
- * Sinopse da III Parte

Sinopse
teórico-prática das
três partes da
Gramática através da
análise de uma
oração mais longa
ou período
(o 1.º parágrafo da
Carta do P. António
Vieira ao Cardeal de
Lancastre)

Não obstante, há diferenças também: Condillac já não se serve da nomenclatura casual e se, ao tratar do sujeito da oração, em conjunto com o atributo e o objecto, aí inclui várias partes do discurso, reserva-lhes, após o

estudo do nome e do verbo, um conjunto de 25 capítulos de pormenorização; além disso, as conjugações colocou-as como secção de consulta depois da sintaxe. Mas esta, muito abreviada na *Grammaire* porque lhe destinou sobretudo *De l'art d'écrire*, começa com palavras que traduzem o procedimento de Melo Bacelar na sinopse final: «Nous ne concevons jamais mieux une pensée, que lorsque toutes les parties, distinctes les unes des autres, se présentent à nous avec tous les rapports qui sont entre elles. Ce n'est donc pas assez d'avoir des mots pour chaque idée, il faut encore savoir former, de plusieurs idées, un tout dont nous saisissons tout-à-la-fois les détails et l'ensemble, et dont rien ne nous échappe»¹⁶. Como quem dissesse: as partes do discurso são imprescindíveis para a exteriorização das ideias, mas o mais importante é a ordenação daquelas consoante as funções que vão exercer num todo inter-relacional, de forma a este exprimir, com coerência e justeza, o pensamento.

4. É possível que a Melo Bacelar lhe tenha vindo às mãos o *Traité des systèmes*¹⁷, de crítica aos constructos abstractos de Descartes, Espinosa, Malebranche e Leibniz e de elogios a Newton, cujas teorizações radicam na experiência. Condillac publicou-o em 1749 e, em não poucas das suas páginas, enaltece o espírito sistemático-analítico, qualidade inegável no autor da *Gramática Filosófica*. O *Cours d'études*, onde está a *Grammaire* condillaciana, saiu em Paris em 1775, ainda oito anos antes da obra de Bacelar, num tempo em que, com a fama das Luzes, os livros franceses ganhavam asas por sobre os Pirinéus.

Causa espécie a terminologia escolhida para os elementos funcionais da oração - agente, acção, accionado, quando «sujeito», «cópula» e «predicado» diz ele serem os da proposição. Contudo, na nota *t* do n.º 7 da *Grammatica*, explica que a Física trabalha com aqueles conceitos — causado, acção e agente ou causa, o que se harmoniza com a aura dessa ciência na época. Repare-se, de resto, que os *Principia mathematica* do génio inglês da teoria da gravitação saíram em Londres no ano de 1687, e a *Optica* em 1704, numa língua então ainda grandemente veicular no espaço europeu, como era o latim; e que em 1738 Voltaire, de que Melo Bacelar cita outra obra, lança dos prelos os *Éléments*

¹⁶ Cfr. o.c. na nt. 14: a *Grammaire*, que faz parte do *Cours d'études*, vai da p. 245 à 513; de 515 a 611 encontra-se a *De l'art d'écrire*.

¹⁷ Cfr. o.c. na nt. 14. O *Traité des systèmes* vem nas *Œuvres philosophiques*, I, pp. 119- 217.

de la philosophie de Newton, afinal no ano em que Francisco Xavier de Meneses, eleito sócio da Royal Society londrina de que Newton era presidente desde 1703, abjurou o cartesianismo pelo newtonianismo. Mas quanto às obras de Newton «os primórdios do seu conhecimento devem remontar ao séc. XVII»¹⁸. O diplomata José de Faria era membro do famoso grémio de sábios desde 1682. Cenáculo, leitor de Newton¹⁹, pertencia à mesma Ordem religiosa de Melo Bacelar; e nos colégios oratorianos e jesuítas, para não aludir a personagens individuais, não faltam testemunhos comprobatórios.

Quanto à sinopse das sinopses com que fecha a *Grammatica*, o texto aí posto em análise é o primeiro parágrafo da conhecida Carta de Vieira ao Cardeal de Lancastre, tirado, como o autor informa, de Contador de Argote. Mas este vota-se à totalidade do escrito, com minúcia morfológica enfadonha e arrastada por quase 20 páginas²⁰, esquecendo a sintaxe; aquele resolve tudo em menos de duas e é esta que sobretudo lhe interessa. Na verdade, uma atmosfera funcional pervade todo o opúsculo. Isto, antes da morfossintaxe de Saussure e dos contributos de Tesnière e de Hjelmslev, afigura-se-me um forte protesto silencioso contra o menosprezo multissecular da secção principal das gramáticas.

A respeito das definições destas, também Melo Bacelar traz, conforme penso, alguma novidade. Habitúamo-nos às artes de falar e escrever segundo normas: «La grammaire est l'art de parler» (Port-Royal); «arte que ensina a fazer sem erros a oração portuguesa» (Reis Lobato); «arte de falar e escrever correctamente a própria língua» (J. Soares Barbosa, na sua *Grammatica Philosophica*²¹ de 1822). Ora Bacelar entende-a como «huma colecção de leis (conjunto de preceitos em Argote) com que arrazoadamente fabricamos e dispomos os sons que comunicação aos outros os nossos conceitos». Condillac não está longe: «Je regarde la grammaire comme la première partie de l'art de penser» porque os princípios da linguagem descobrem-se através da análise do pensamento no discurso²². Mas algo de novo é a relevância comunicativa

¹⁸ Cfr. J. Pereira Gomes, *Newton em Portugal*, in *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, s.v. *Newton*.

¹⁹ Cfr. Francisco da Gama Caeiro, *Frei Manuel do Cenáculo — Aspectos da sua actuação filosófica*, Lisboa, Faculdade de Letras, 1959, p. 130.

²⁰ Cfr. D. Jerónimo Contador de Argote, *o.c.* na nt. 4, pp. 311-339; da pp. 314 à 330 estuda gramaticalmente o primeiro parágrafo da dita carta, que Melo despacha em página e meia.

²¹ Cfr. Amadeu Torres, *Gramaticalismo e especulação. A propósito da «Grammatica Philosophica» de Jerónimo Soares Barbosa*, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXVIII-2 (Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, 1981), Braga, 1982, pp. 519-542.

²² Cfr. *Grammaire*, cit. na nt. 14, p. 427.

salientada na definição bacelariana, quase dois séculos antes de Martinet. Para melhor nos convencer, repisa a ideia, um pouco adiante, acentuando, em tipo itálico, que no cumprimento dessas leis se constrói «numa *lingua de comunicação*». Instrumento comunicativo e de expressão mental, eis dois níveis de uma função abrangente cujas interferências não podem negar-se.

«Mais há que dizer, mas isto basta» — como Jerónimo Contador de Argote escreve ao terminar muitos dos seus capítulos de diálogo gramatical. Pois baste, por agora, sobre a *Grammatica Philosophica* de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, um «discursado regulamento» que, se ficou vencido, quatro décadas após, pelo de Jerónimo Soares Barbosa, o vence ainda hoje em originalidade e inventiva epistemo-metodológica, mercê de um logicismo benéfico e sistematizador. Eis por que me causa pena esta frase de Judith Aissen e Jorge Hankamer: «infelizmente o estudo da gramática no Ocidente seguiu o modelo grego que, para além de especulativo, era didático e provincial»²³. Estranho comportamento o de maldizerem a fonte tantos que se dessedentaram e continuam a dessedentar-se nela. São os misocrenes das desmemórias súbitas...

5. Quanto ao contributo conceptual desta *Gramática Filosófica* e das congêneres em geral, creio que poderá sintetizar-se, não obstante a sua importância, nas seguintes alíneas:

a) Valorização da definição semântica das categorias gramaticais, que é aquela que as crianças e a juventude mais rapidamente apreendem;

b) Atenção à racionalidade da linguagem como expressão do pensamento, na tríplice componente de ideia, juízo e raciocínio;

c) A essencialidade da linguagem como comunicação entre um eu psicologicamente reflexionado, ou então entre um eu e um tu ou um outro, o que se torna em alicerce da personalidade, isto é, da pessoa em plenitude;

d) o incremento dado aos estudo da psicolinguística e da escola linguística chomskyana;

²³ Cfr. «Gramática», in *Enciclopédia Einaudi*, II, Lisboa, INCM, 1984, p. 248.

O contributo conceptual das gramáticas filosóficas para a história da língua portuguesa

e) o desenvolvimento extraordinário dos estudos dedicados à sintaxe, que em Port-Royal ainda estava confinado a poucas páginas e na *Gramática Filosófica* de Jerónimo Soares Barbosa já ocupa mais de uma centena;

f) o esforço interpretativo dedicado à explicação das exceções e de certas figuras gramaticais como a elipse, a partir da norma geral, tal qual se verifica, já no séc. XVI, em Sánchez de las Brozas;

g) Um equilíbrio notável entre a *ratio* e o *usus* como estratégias de orgânica ou disposição da matéria gramatical como um todo coerente e funcional;

h) A busca das causas concretizada ora na investigação genética das línguas, ora na fundamentação e diversificação dos sons constitutivos das palavras;

i) O maior arejamento na dicionarização dos idiomas, com mais acentuada inter-relação vocabular capaz de simultaneamente enriquecer o conjunto sem o avolumar em demasia;

j) O desenvolvimento da filosofia da Linguagem e, em parte, da pragmática linguística;

k) Finalmente e em resumo: às gramáticas filosóficas, com o seu pendor para a precisão das noções à base da clareza e do rigor ou da sua religação à logicidade humana, devem um primeiro impulso muitos dos movimentos ou escolas ou tendências linguísticas e linguístico-gramaticais modernas, inclusive certo gramaticalismo de coloração matemática, como aquele que se dedica ao cálculo semântico dos predicados, à tradução automática e até, segundo alguns, às neurociências e às suas relações com o simbolismo fonético nos múltiplos idiomas e suas gramaticalizações morfossintáticas.

Se para alguns soar a exagero esta enumeração de debitamentos da linguística e da gramatologia modernas às gramáticas filosóficas, peço vénia para recordar-lhes o grande Giambattista Vico: “O passado comanda o futuro, mesmo quando este parece, paradoxalmente, o seu contrário”. Creio que tem bastante razão.